

JUNTOS E MISTURADOS: A REPRESENTAÇÃO DA MISTIÇAGEM NOS RELATOS DOS VIAJANTES NATURALISTAS HENRY WALTER BATES E LOUIS RODOLPH AGASSIZ NA AMAZÔNIA DO SÉCULO 19

TOGETHER AND MIXED: THE REPRESENTATION OF MISCENERATION IN THE ACCOUNTS OF NATURALIST TRAVELERS HENRY WALTER BATES AND LOUIS RODOLPH AGASSIZ IN THE AMAZON OF THE 19TH CENTURY

Déborah Tays Silva dos Santos¹

RESUMO

O presente artigo propõe discutir de que maneira a mistura das raças indígena, preta e branca são interpretadas pelos viajantes naturalistas que desembarcam na Amazônia dos oitocentos. Os “homens da ciência” que aqui chegavam traziam conceitos definidos de mundo e sociedade. E ao encontrar os amazônidas criticam seus modos de vida, aspectos físicos e as relações sociais. Essas análises são apresentadas ao mundo, inventando um nativo, ou seja, cria-se a figura de sujeitos tendo princípios europeus como base, tornando o “outro” inferior. Tais textos servem para reforçar o preconceito existente na sociedade, cujos reflexos são nítidos ainda no século 21. Desse modo, consideramos crucial, discutir o porquê esses sujeitos foram classificados dessa forma e (re) significar o papel que ocupam na construção da sociedade brasileira. Para isso, dialogarei com as obras de alguns viajantes como Henry Bates (1944), Louis e Elisabeth Agassiz (2000), e Alfred Russel Wallace (2004), somando ainda a discussão com autores Lorelai Kury (2001), Hideraldo Costa (2013), Miguel Nenevé (2015), Sônia Maria Gomes Sampaio (2015), Kassiane Albuquerque (2013) e Carla Lima (2008), estudiosos que tem como objeto de pesquisa os discursos desses viajantes. Ao longo desse estudo é possível observar como esses relatos construíram uma sociedade baseada em preconceitos trazidos por estrangeiros, que ainda encontram-se presentes ao nosso redor. Alcançando níveis elevados de racismo estrutural, classificações que exigem o enfrentamento direto por meio de debates e do diálogo com a produção do conhecimento científico.

PALAVRAS-CHAVE: Viajantes Naturalistas; Mestiçagem; Preconceito e Amazônia.

ABSTRACT

This article proposes to discuss how the mixture of the indigenous races, black and white, are interpreted by the naturalist travelers who land in the Amazon of the eighteen hundred. The "men of science" who arrived here brought defined concepts of world and society. And when they met the amazons, they criticized their ways of life, physical aspects and social relations. These analyses are presented to the world, inventing a native, that is, they create the figure of subjects having European principles as a basis, making the "other" inferior. Such texts serve to reinforce the prejudice existing in society, whose reflexes are clear still in the 21st century. Thus, we consider it crucial to discuss why these subjects were classified in this way and (re) mean the

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Acre – UFAC, 8º Período.
E-mail:deborahTays00@gmail.com.

role they play in the construction of Brazilian society. To this end, I will dialogue with the works of some travelers such as Henry Battes (1944), Louis and Elisabeth Agassiz (2000) and Alfred Russel Wallace (2004) and adding the discussion with authors Lorelai Kury (2001), Hideraldo Costa (2013), Miguel Nenevé (2015), Sônia Maria Gomes Sampaio (2015), Kassiane Albuquerque (2013) and Carla Lima (2008), scholars who have as their object of research the speeches of these travelers. Throughout this study it is possible to observe how these reports have built a society based on prejudices brought by foreigners, who are still present around us. Reaching higher levels as is structural racism, and that such a process requires direct confrontation through debates and the production and reproduction of scientific knowledge

KEYWORDS: Naturalist Travelers; Mestizaje, Preconceito and Amazônia.

1 INTRODUÇÃO

O século 19 foi um período de grandes transformações, principalmente no campo científico. Essas mudanças impulsionaram os ditos “homens da ciência” a se aventurar em busca de novas descobertas em lugares distantes e assim, o Brasil se tornou o destino de muitos viajantes como botânicos, zoólogos, antropólogos, pintores, cartógrafos e até voluntários que ficaram conhecidos como naturalistas, interessados especialmente pela Amazônia, local de onde pouco se sabia, mas muito se especulava.

Para Hideraldo Costa (2013, p. 25), nesse período a Amazônia se tornou o “Paraíso dos Naturalistas”, pois representava um laboratório vivo com inúmeras possibilidades de análise e pesquisas. É importante compreender que esses sujeitos chegavam na região para cumprir um objetivo específico e que foram instruídos para realizar tal tarefa, Kassiane Albuquerque (2013) em sua tese de mestrado *“Paisagem e Representação: A Amazônia nos relatos do casal Agassiz (1865-1866)”* discute que existiram escolas para preparar esses indivíduos antes de embarcarem nessas viagens. Isso significa que além de estarem carregados dos aspectos culturais de suas sociedades, possuíam ainda uma bagagem intelectual, com ideias e teorias que embasaram os pilares da ciência do século 19, tais como: evolucionismo, positivismo, keneisianismo, dentre outros olhares imperialistas que se deslocaram para as Amazônias.

2 O OLHAR DO EUROPEU SOB O NATIVO

É pelos traços morais que se distinguem os homens. É a moralidade que aproxima o homem de Deus e lhe confere direitos sobre o resto da criação. Enfim, **o Deus de Agassiz havia feito uma escolha pelos brancos**. Os demais seres estavam condenados a existências locais; ao homem branco coube o mundo inteiro. (KURY, 2001, p. 171). [Negrito nosso];

Ao deparar-se com uma visão de mundo diferente na Amazônia esses sujeitos passam a comparar as suas realidades com a desse Novo Mundo, autodenominando-se como superiores aos modos de vidas das populações da floresta, princípio ainda latente, como ocorre na cidade de Manaus.

Mas não bastava apenas dizer que estes eram inferiores, era preciso justificar como chegaram a tal conclusão, e para isso, a maioria dos naturalistas define os amazônidas como sujeitos sem moral, como podemos observar nesses relatos de viagem. Havia uma necessidade constante em classifica-los para poder dominar; inserindo seus corpos na dinâmica do capital e do trabalho.

Louis Agassiz esteve na região entre 1865 e 1866, liderando a expedição Thayer que veio ao Brasil para estudar os peixes da Bacia Amazônica almejando combater as teses evolucionistas. Acreditava que cada espécie havia sido criada por Deus para pertencer a uma pátria distinta.

Lembremos que o zoólogo era suíço e antes de passar a viver nos Estados Unidos defendia que o homem era a única espécie que não se enquadrava nesse perfil, mas que este poderia transitar e adaptar-se a qualquer região. Contudo, após conviver com os negros da América e, vendo de perto o desenrolar da Guerra de Secessão (1861-1865) começou a questionar qual papel caberia a população afrodescendente.

Adiante veremos como Agassiz foi um dos naturalistas que mais condenou o processo de mestiçagem na Amazônia. Seu olhar foi constituído pela sua vivência nos Estados Unidos, receoso de que a mistura de raças² também se tornasse uma realidade em sua sociedade.

A mestiçagem ocorria na medida em que “raças puras” como o branco, o indígena e o negro (africano ou afrodescendente) tinham relações de onde nasciam indivíduos que compartilhavam das características biológicas de seus pais. Para os viajantes naturalistas, esse processo iria além do repassar elementos físicos, mas também eram transmitidos os valores desses sujeitos. E este era o fator que mais incomodava os estudiosos, que acreditavam que somente os pontos negativos de cada raça eram passados para as outras gerações que surgiam dessas relações, construindo assim uma sociedade ainda mais degenerada.

Partimos do fato de que esses cientistas já vinham com ideias concebidas sobre determinados temas, nota-se que o olhar europeu sob o nativo não busca entender ou adaptar-se

² Nesse período, as teorias raciais deterministas obtinham destaque na Europa, bem como o termo raça passava a estar cada vez mais ligado a ideia de uma nação, unificada através de suas características biológicas e culturais. Lilia Moritz Schwarcz em 1993 publica o livro: *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*, onde discute como ocorre essa discussão sobre as raças no país.

à sua realidade, mas classificar e ordenar esses indivíduos. O historiador Hideraldo Costa (2013, p.33) nos diz que:

Uma preocupação recorrente, que aparece no conjunto dessas narrativas, é a temática relativa à mestiçagem e aos efeitos produzidos por ela [...]. Na Amazônia assumiu matizes especiais, por causa do problema da degradação do índio, e também pelos **problemas relativos aos sucessivos processos de mestiçagem** envolvendo as três raças: o branco, o negro e o índio. [Grifo nosso];

Isso significa que alguns viajantes, como o casal Agassiz, ao aportar na Amazônia modela sua ideia de superioridade, hierarquia racial, cuja a teoria da mestiçagem foi o estaleiro para se construir uma representação negativa sobre os povos nativos, além de aspectos pejorativos que compunham sua fauna e flora. Portanto, é necessário identificar quais são os seus efeitos e encontrar uma maneira de “solucionar esse problema” para que tais classificações não sejam utilizadas no presente.

3 O QUE REPRESENTAVA A MESTIÇAGEM NA AMAZÔNIA

Na Amazônia, a mestiçagem teria acontecido de forma diferente das demais regiões do país, aspecto que poderemos compreender mais à frente. Os indígenas eram constantemente inferiorizados, caracterizados como bárbaros. O negro, ainda lidava com os comportamentos de um país escravagista e, não esqueçamos que o estrangeiro e a elite local foi quem fincou a escravidão nas Américas. Além disso, os naturalistas ainda determinam que o branco que habitava a região não poderia ser considerado do mesmo nível de importância que os viajantes que acabavam de chegar.

São esses três sujeitos, essas três raças que irão desenvolver relações que tornam a mestiçagem uma realidade marcante na região, o índio, o negro e o branco dão início a criação de “novas raças” na Amazônia do século 19, ou seja, a novos grupos de pessoas que passam a compartilhar de características físicas semelhantes, posteriormente, observa-se ainda as semelhanças sociais e culturais. Tal aspecto é resultado da herança de características biológicas de seus pais e do meio cultural onde vivem.

Na interpretação dos viajantes naturalistas, significava que ao invés de existir “raças puras” na Amazônia ocorria o surgimento de novos “tipos de brasileiros”, como explica Louis Agassiz: “[...] é raro encontrar-se nessa sociedade pessoa que seja absolutamente de pura raça negra, mas veem-se numerosos mulatos e mamelucos, como chamam os mestiços de índio e negro” (2000, p.270).

Esse trecho da obra de Agassiz, reafirma a ideia dos viajantes de que essas pessoas formavam um grupo diferente e não poderiam ser considerados brancos, pretos ou indígenas. Isso se comprova na necessidade que tiveram de denomina-los com outras nomenclaturas, por meio do qual identificavam sua origem, como: mamelucos, mulatos e caboclos. Sendo este último a mistura do índio com o branco, e os outros dois já explicados na citação acima.

Lorelai Kury (2001) ao comentar sobre o acervo produzido pela Expedição Thayer diz que este “*é repleto de observações sobre a mestiçagem brasileira e inclui gravuras que ilustram ‘tipos’ brasileiros*”, ou seja, os autores desses relatos de viagem não só pensavam a Amazônia como um laboratório vivo, mas reafirmavam em seus textos que na região eram criados “tipos” de brasileiros. E que a mistura era tão intensa que se tornava difícil classificar de qual raça pertencia determinado indivíduo.

Desse modo, percebemos que esses sujeitos eram observados do mesmo modo que as plantas e os animais da região, e a mestiçagem era vista como um experimento biológico e não uma ação humana, da mesma forma que se estuda o cruzamento de diferentes espécies de animais.

Ao analisar esses discursos podemos notar a presença do racismo científico no século 19, em que o “outro” era inferiorizado sob justificativas biológicas e, quando comparados a esses “homens da ciência” representavam o atraso, logo, precisavam com urgência da intervenção desses homens para que chegassem ao “progresso” e só então a modernidade e civilidade fizesse parte de suas vidas.

Hideraldo Costa (2013), chama a atenção para o fato de que os habitantes da região foram vistos por esses viajantes como um objeto de análise e não como seres humanos detentores de uma cultura e um modo de vida, como já mencionamos, a preocupação era de classifica-los e não de conhece-los.

Mas essa escolha sobre como olhar para o outro também possui uma explicação ideológica, negar a sua humanidade se torna uma forma de afirmar a sua superioridade, legitimando uma possível dominação para atender os objetivos das potências que financiavam essas viagens.

Não esqueçamos que além do caráter científico essas viagens também possuíam interesses expansionistas, políticos e econômicos de vários países. E se para isso, fosse preciso subjugar os nativos, seria feito sobre a justificativa de que estes eram sujeitos atrasados, bárbaros e sem moral. E a mestiçagem, nesse cenário, cumpria papel fundamental para afirmar essa ideia na medida em

que os naturalistas defendiam que nesses processos só era repassado o pior de cada raça para o indivíduo, e que estes precisavam ser tutelados por homens capazes de torna-los civilizados.

Ao estudar essas narrativas observamos que: “[...] na visão do viajante, o problema da região não era de caráter institucional e sim humano” (COSTA, 2013, p. 42). Isso significa que diferente do discurso euclidiano que caracteriza a região como o “Inferno Verde”, um lugar inabitável, que as narrativas do século 19 apresentam a Amazônia como um espaço propício a receber a civilização, pois contava com recursos naturais em abundância deixando a desejar apenas no diz respeito aos homens da região. Aqueles que cá estavam eram deficientes de inteligência para chegar a prosperidade, logo, não eram merecedores do que tinham.

Ao analisar esse trecho da obra *“Cultura, Trabalho e Luta Social na Amazônia: Discurso dos Viajantes – Século 19”* de Hideraldo Costa, voltamos a reflexão do dito “problema” da mestiçagem, pois a caracterização desses sujeitos como seres inferiores, desprovidos de inteligência e moral se dá por serem vistos apenas como objeto/coisa desprovida de visões de mundo, e passam a ser cobaias observadas e analisadas no laboratório vivo da floresta.

Não há dúvidas de que a sociedade local era considerada exótica e necessitava da ajuda do estrangeiro para alcançar a civilização e a modernidade, porque sozinhos não eram capazes de tal feito. Nesse contexto, esses homens da ciência passam a ocupar um novo papel nas narrativas de viagem. Tornam-se os heróis que teriam como missão “ajudar” essas populações, que sofriam com os efeitos das relações existentes entre as três raças.

Henry Walter Bates (1944, p. 185), um viajante naturalista inglês que esteve na Amazônia entre 1848 e 1859 nos diz que: *“A característica mais notável do lugar, sob o aspecto social, é a natureza híbrida de toda a população sendo aí completa a amálgama das raças branca e índia.”*. Para Bates, esse processo de mestiçagem era tão marcante que seria o aspecto que mais chamava a atenção na região.

O inglês acreditava que os indígenas eram sujeitos sem moral e degenerados e o fato de participarem desse processo de mistura das raças significava que tais características seriam passadas hereditariamente. A condenação desse processo dar-se pelo desejo de que esses traços não fossem repassados por gerações.

O hibridismo mencionado também foi notado por outros naturalistas, como o casal Agassiz que condenam esse processo, e Alfred Wallace (2004), que analisa de maneira diferente essas relações.

Veremos que para os viajantes, pior do que o processo de mestiçagem era a permanente presença dos indígenas nessa mistura das raças. O índio, era como já mencionamos estereotipado, considerado um ser selvagem.

Este tema ocupa espaço relativo nas crônicas de viagem pela Amazônia, e isso nos leva a pensar em outro questionamento ao estudar esse processo de miscigenação que, de acordo com o casal Agassiz, afeta toda a população brasileira. A pergunta seria: “Quais fatores colaboraram para a existência e manutenção dessa miscigenação?”

Todavia, se na Amazônia ocorreu de forma diferente existem fatores que definiram e contribuíram para esse processo. Acrescento que não é importante apenas refletir sobre as diferenças raciais, mas a naturalização presente nas populações locais desses sujeitos de raças distintas com seus próprios modos de vida passaram a coexistir formando uma nova sociedade, resultante de suas combinações. Essa realidade da Amazônia é descrita por Elizabeth Agassiz (esposa de Louis Agassiz e cronista da expedição) que faz um comentário a partir de sua observação em um baile para o qual foram convidados na cidade de Manaus:

[...] sedas e cetins roçavam-se com lãs e musselinas, e os rostos mostravam todas as tonalidades, do negro ao branco, sem contar as cores acobreadas dos índios e dos mestiços. **Não há aqui, com efeito, o menor preconceito de raça.** Uma mulher preta – admitindo-se, já se vê que seja livre – **é tratada com tanta consideração e obtém tanta atenção quanto uma branca.** (AGASSIZ, 200, p. 270). [Negrito nosso];

Ao analisar esse trecho notamos que a mistura das raças era natural na sociedade local durante o século 19. Com isso, levanto a questão de que é preciso entender a partir de qual momento o negro e o índio que eram considerados “raças inferiores” começaram a construir relações com a elite da região. O que torna possível expandir o campo de pesquisa recorrendo as narrativas de viajantes que percorreram outras partes do Brasil, bem como aqueles que estiveram na Amazônia em séculos anteriores objetivando identificar quais as práticas sexuais existentes entre esses povos, não descartando a possibilidade da violência sexual. Contudo, não nos deteremos nessa discussão neste trabalho.

Historiadores como Mary Del Priore (2016) Renato Venancio (2016) e Lilian Schwarcz (2015) que discutem História do Brasil analisam a situação de africanos escravizados e dos povos indígenas. Analisam que as mulheres escravizadas, além dos maus tratos no trabalho doméstico e no campo, muitas vezes eram abusadas por seus patrões, e muitos desses abusos resultavam em filhos mestiços. Além das inúmeras mulheres indígenas que foram estupradas, durante a invasão do território, e também tiveram filhos de homens brancos.

Partimos da ideia de que a mistura das raças no Brasil nasce dessa violência contra as mulheres, e mesmo após a abolição da escravidão, a Amazônia viveu essas transformações e mudanças na sociedade de forma ainda mais lenta. Cabe apontar que geograficamente a Amazônia encontrava-se longe da capital, cujo as rotas de deslocamento e de comunicação apresentava graus de dificuldade.

A partir dessa reflexão podemos compreender uma outra série de efeitos que a miscigenação possui. Em um país de libertos, o choque cultural desses diferentes povos será inevitável.

É necessário nos atentarmos para o fato de que ao focarem nas análises referentes a natureza do homem amazônico esses naturalistas não estavam abandonando sua preocupação científica. Ao contrário, segundo Hideraldo Costa eles estariam iniciando um processo chamado por ele de “perversão da memória”, em que o que foi escrito é minimamente selecionado por olhares treinados.

As populações indígenas, nesse cenário, era fonte de preocupação. Ao serem consideradas inferiores representavam um problema que precisava de solução. O extermínio dos povos indígenas, infelizmente, faz parte da História do Brasil desde a chegada dos primeiros europeus.

Estes foram escritos na história como forte ameaça ao progresso, e nesses relatos não é diferente. Contudo, os próprios naturalistas esqueceram ou optaram em não dizer que só foi possível a locomoção dentro das florestas e da sua sobrevivência graças ao conhecimento dos povos nativos.

No século 19, os “homens da ciência” identificam uma nova forma de extermínio desses grupos, a mestiçagem. Henry Battes foi um dos naturalistas que acreditou nesse processo como uma nova maneira de eliminar os povos indígenas.

A ideia de que os indígenas são uma ameaça se tornou uma imagem tão fixa que o naturalista inglês concebe a mestiçagem como um aspecto positivo, por ser uma tática utilizada para o banimento dos povos indígenas, uma vez que estes iriam ter contato com os não indígenas, enfraquecendo os grupos étnicos residentes na Amazônia. Seria uma questão de tempo para que não houvessem mais os denominados “índios puros”. Para esta concepção, a extinção não deveria ser questionada, pois esses sujeitos não estavam adaptados à região, perdendo o domínio de seus territórios e da sua cultura. Mais uma vez notamos a necessidade de justificar a dominação do outro, sob o pretexto de classifica-lo como inferior.

No entanto, nem todos os naturalistas partilhavam dessa opinião. Alfred Wallace discordava da visão de Henry W. Bates, pois teceu elogios aos indígenas da Amazônia em sua

descrição, chegando a compará-los com os índios de outras regiões do Brasil e da América do Sul. Sua conclusão paira na suposição de que esses povos indígenas eram superiores, intelectual e fisicamente.

Wallace foi um defensor dos povos indígenas e criticava fortemente os naturalistas que ignoravam os modos de vida desses grupos étnicos. Para o viajante, os nativos não eram degenerados, posto que o contato com os europeus desencadeou epidemias, genocídios e crises frente as culturas autóctones.

COSTA (2013, p. 52) alega que Wallace teria reinterpretado o conceito de degenerado que Martius havia atribuído aos indígenas, de que *“a degeneração não estaria no índio como raça e, sim, quando ele era [...], obrigado a entrar em contato com a chamada civilização”*. Ou seja, a degeneração não era uma característica do homem da Amazônia, mas foi o resultado do contato desse homem com o “mundo civilizado”, sendo preferível que os indígenas se isolassem e não tivessem contato com os estrangeiros, posto que lhes corromperiam a cultura e o modo de vida.

Esse contato com a denominada “civilização” ameaçava a sobrevivência dos indígenas, afinal de contas esse choque foi sempre pior para os nativos. Isso se dava porque os viajantes acreditavam em um “destino manifesto” desses índios, ou seja, eles deveriam passar por esse processo de extermínio físico e cultural e isso era inevitável.

As narrativas do século 19 nada eram ingênuas, mas visavam um objetivo: atender ao propósito do projeto colonizador, principalmente ao referir-se aos habitantes dessa região. Nesse sentido, Hideraldo Costa (2013, p. 53) diz que:

Assim, o viajante, utilizando-se de um discurso que tinha como base para sua legitimação a ciência, parece ter encontrado a justificativa necessária para iniciar uma prática discursiva sustentada no discurso da expropriação das terras dos grupos indígenas. Uma **prática de colonização** também desenvolvida em outras partes do mundo. [Grifo nosso];

Ou seja, esses discursos eram um mecanismo de comprovar que as ações tomadas contra esses sujeitos eram justificáveis. E que era o seu papel enquanto homens evoluídos trazer a modernidade para a Amazônia e para isso era preciso retirar as representações de atraso que estavam presentes nela, sendo os homens da região o maior obstáculo para o progresso, e a miscigenação seria a tática estipulada para alcançar tal meta.

As ações empregadas pelos viajantes em nome da ciência, serviram para inserir a Amazônia na rota do desenvolvimento. É possível dizer que a Amazônia do século 19 passou por processos de colonização, inclusive, nas narrativas escritas pelos viajantes que constroem uma representação mítica, ufanista, progressista nos trópicos. Os relatos que divulgam as

expedições sobre a Amazônia na Europa inventam um homem desprovido de moral, de inteligência, caracterizado pela barbárie e pela preguiça, características que servirão como justificativa para ocupar uma região tão prospera de recursos naturais.

Além do índio e do negro havia outro sujeito nessa imensa floresta, o branco. Mas, “os brancos existentes na região pareciam não estar à altura dessa árdua tarefa” (HIDERALDO COSTA, 2013, p. 54). Os viajantes caracterizaram os brancos da região, que os receberam em suas casas, como inferiores quando comparados a eles. Logo, não seriam capazes de trazer o desenvolvimento que a região tanto necessitava. Isso ocorre porque a elite local quando começou a conviver com os nativos passou a aderir parte de seus costumes e para o viajante isso era inaceitável.

Lembremos também que parte dos europeus que estavam na Amazônia são aqueles que representavam o que havia de pior em sua sociedade e que, em sua maioria, foram enviados para a região como pena por algum crime que cometeram.

E quanto ao papel desses homens na mestiçagem, Battes acreditava em um resultado positivo desde que esse branco fosse um sujeito de conduta moral, pois estaria repassando essa característica para o outro, indígena ou o negro.

Em contrapartida, Agassiz não acreditava que haveriam resultados positivos nessa mistura pois a população da região era em um todo desprovida de atributos que os tornassem capazes de atingir a civilização e o progresso. Em sua obra “*Viagem ao Brasil: 1865-1866*” podemos perceber que o casal Agassiz condenava fortemente a mestiçagem não conseguindo identificar nenhum aspecto benéfico desse processo.

Quando Agassiz analisava essa questão racial no Brasil, produzia comparações ao que ocorria nos Estados Unidos. Segundo os viajantes, essa mistura neutralizava as características dos povos indígenas, do branco e da população negra.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil dos Oitocentos vivia grandes mudanças no campo político, econômico e social. Dentre elas a abolição da escravidão em 1888 que trouxe consigo novos debates, incluindo a questão racial. Lilian Schwarcz (1996, p. 86) nos diz que:

“[...] desde os anos 1870, teorias raciais passam a ser largamente adotadas no país - sobretudo nas instituições de pesquisa e de ensino brasileiras predominantes na época -, em uma clara demonstração de que os critérios políticos estavam longe dos parâmetros científicos de análise” (p.86).

Enquanto essas discussões ocupavam os espaços de produção do conhecimento científico, como as faculdades de Direito e Medicina, e até o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), reafirmava-se a ideia de que o progresso seria alcançado através da ciência. Sendo o Ocidente, o exemplo a ser seguido pois somente este havia chegado a civilização.

A maioria dos viajantes que passaram pela Amazônia inspiravam-se nas ideias de Charles Darwin, que tiveram mais destaque após a publicação de sua obra “*A origem das espécies*” em 1859. Onde o autor defendia que as espécies estariam em uma disputa pela sobrevivência e aquele que estivesse mais apto/preparado para o habitar determinado espaço iria sobreviver.

Nesse sentido, os teóricos que defendiam essas ideias conhecidos como “darwinistas sociais” passaram a analisar e classificar as diferenças, em específico, as presentes nas populações nativas comparadas a sociedade Ocidental. Era preciso estudar o grupo, não somente o indivíduo.

Esses grupos são agora classificados de acordo com seus aspectos físicos e culturais, distinguindo-se em raças diferentes. Após a denominação de acordo com suas características tem-se a comparação entre esses grupos, como resultado destas observações os “homens da ciência” definem um modelo a ser seguido, como já mencionado, o da sociedade europeia. Dito isso, percebe-se que a conclusão dos teóricos raciais é da existência de “raças inferiores”. Lilia Schwarcz (1996, p.85) destaca que “*Esse saber sobre as raças implicou, por sua vez, num ‘ideal político’, um diagnóstico sobre a submissão ou possível eliminação das ‘raças inferiores’ [...]*”.

Retornamos ao debate referente a condenação do processo de mestiçagem presente na Amazônia. Se uma nação composta por um grupo de seres “inferiores” não podia ser considerada um campo fértil para o progresso. O que dizer que uma sociedade resultante da mistura de “raças inferiores”? Ora, “[...]uma nação de raças mistas, como a nossa, era inviável e estava fadada ao fracasso” (LILIA SCHWARCZ, 1996, p.88).

Para esses naturalistas tais indivíduos haviam alcançado o limite de seu processo evolutivo, e permitir suas interações seria errado. Em suas narrativas podemos observar que a mestiçagem passa a ser acompanhada por palavras como degeneração ou o problema a ser resolvido. Era preciso dividir/separar as raças, as culturas. Pois o grupo inferior, os nativos, não estavam preparados para levar a Amazônia ao progresso, ao contrário, representavam o atraso e a barbárie.

Desse modo, chegamos à conclusão de que viajantes como Louis Agassiz, Henry Battes dentre outros acreditavam que a mestiçagem na Amazônia do século 19 significava que a

sociedade caminhava em direção contrária a civilização e ao progresso. E que a execução de práticas colonialistas diante dessa realidade era justificável, na medida em que representava o caminho para o desenvolvimento da/na floresta.

A veiculação de tais discursos convertem-se em instrumentos de divulgação de informações, não só sobre a fauna e flora da Amazônia, mas dos homens que já existiam nessa floresta. Ao inventar um indivíduo degenerado, preguiçoso e sem moral estes homens escreveram ideias que saíram do campo científico ou literário para ocupar o imaginário popular onde aqueles que pertencem as “raças inferiores” são ainda denominados dessa maneira pela sociedade do século 21. Lília Schwarcz (2012, p.48) alerta que nos dias atuais “[...] a cor é um critério de classificação”. Onde o indivíduo é classificado mesmo antes de o conhecer, tendo como pressuposto a raça a qual pertence.

REFERÊNCIAS

AGASSIZ, Jean Louis Rodolf, 1807-1873. **Viagem ao Brasil 1865-1866** / Luís Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz; tradução e notas de Edgar Süsskind de Mendonça. – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. 516 p. – (Coleção O Brasil visto por estrangeiros).

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues; NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia Maria. **Literaturas e Amazônias: colonização e descolonização**. Rio Branco: Nepan Editora, 2015, 288p.

ALBUQUERQUE, Kassiane Nascimento da Silva. **Paisagem e representação: a Amazônia nos relatos do casal Agassiz (1865-1866)**. 2013. 120p. Dissertação de (Mestrado em Geografia), Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

BATTES, Henry Walter. **O naturalista no Rio Amazonas**. Trad. e notas de Candido de Mello Leitão. Ed. Nacional, 1944.

BUENO, Magali Franco. **O imaginário sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa**. 2002. 197p. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

COSTA, Hideraldo. **Cultura, Trabalho e Luta Social na Amazônia: Discurso dos Viajantes – Século 19**. Manaus: Editora Valer e Fapeam, 2013.

DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil – 2**. Ed. – São Paulo: Planeta, 2016.

KURY, Lorelai B. **A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil**. Revista Brasileira de História. vl. 21 n. 41. São Paulo, 2001.

LIMA, Carla Oliveira de. **Natureza, Cultura e Imaginário nos relatos de Alfred Russel Aallace, Louis Rodolph Agassiz e Elizabeth Cabot Cary Agassiz.** 2008. 200p. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008.

SCHWARCZ, Lília Katri Moritz. Usos e abusos da mestiçagem e da Raça no Brasil. **AFRO-ASIA**, Bahia, v. 18 p. 77-101, 1996.

_____. O Olhar Naturalista: Entre A Ruptura e A Tradição. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 35, p. 149-167, 1992.

_____. Do preto, do branco e do amarelo: sobre o mito nacional de um Brasil (bem) mestiçado. **Ciência e Cultura**, v. 64, p. 48-55, 2012.

WALLACE, Alfred Russel, 1823-1913. **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro.** Trad. Basílio de Magalhães. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. 630 p. -- (Edições do Senado Federal; v. 17).

Data de submissão: 14/04/2020
Data de aprovação: 12/05/2020